

O desejo em exposição: performatividades eróticas em plataformas digitais e a reconfiguração da intimidade¹

Ana Carolina Fiori (UNILA/PR)

Resumo: Este trabalho investiga as formas contemporâneas de produção do desejo na plataforma OnlyFans, compreendida como uma infraestrutura sociotécnica que reorganiza experiências de corpo, sexualidade e intimidade no capitalismo digital. Em diálogo com Paul B. Preciado, especialmente com a noção de regime farmacopornográfico, a pesquisa parte da compreensão de que o erotismo digital integra uma economia política do prazer na qual excitação, atenção e imagens circulam de forma intensiva, moduladas por tecnologias, mercados e dispositivos de controle. Nesse contexto, o desejo não se estrutura prioritariamente em torno da satisfação sexual, mas como um processo continuamente estimulado, regulado e administrado pela lógica da plataforma. A partir de uma etnografia virtual de perfis plurais selecionados intencionalmente, o estudo observa como o corpo é exibido de maneira estratégica, parcial e cuidadosamente curada, produzindo regimes específicos de visibilidade, fetichização e reconhecimento. Essas performances operam como tecnologias de si e do outro, nas quais a intimidade é constantemente sugerida, mas mantida sob controle, convertendo-se em elemento central da mercantilização do erotismo. Assim, o prazer deixa de ser apenas uma experiência relacional para tornar-se um recurso produtivo, inserido em circuitos de consumo, repetição e gestão dos afetos. O trabalho dialoga com a antropologia da experiência, a antropologia visual e os estudos sobre sexualidade e trabalho sexual digital para compreender de que modo criadores e criadoras de conteúdo elaboram narrativas eróticas e estéticas que articulam corpo, desejo e subjetividade em ambientes digitais. Inspirada pelas reflexões de Preciado sobre a governamentalidade dos corpos e das excitações, a pesquisa problematiza como essas performances são atravessadas por dinâmicas algorítmicas que regulam a visibilidade, condicionam as interações e produzem formas específicas de normatividade erótica. Ao analisar o erotismo como um campo atravessado por tecnologias de excitação e controle, a pesquisa contribui para a compreensão das transformações contemporâneas da intimidade e da sexualidade mediadas por plataformas digitais. Desse modo, o desejo emerge como uma força social e política, produzida na interseção entre corpo, imagem e tecnologia, reorganizando as formas de sentir, desejar e habitar o corpo no presente.

Palavras-chave: OnlyFans; economia da visibilidade; regime farmacopornográfico.

Introdução

A última década assistiu a uma reorganização dos mercados do sexo. Parte expressiva da venda de sexo e de erotismo migrou para plataformas de assinatura, num movimento que a pandemia de covid-19 acelerou, mas que já estava em curso. Territórios antes associados a zonas físicas de prostituição, a circuitos de pegação e à produção pornográfica de estúdio deslocaram-se para o ambiente digital. O OnlyFans tornou-se o caso emblemático

¹Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026).

dessa mudança. É uma plataforma na qual o próprio sujeito se produz como conteúdo erótico e administra a circulação da própria imagem.

Seria tentador ler essa plataforma como uma vitrine de imagens sexuais, um mercado de corpos explícitos disponíveis mediante pagamento. A observação da sua camada pública desfaz essa expectativa. Naquilo que a plataforma exhibe antes de qualquer assinatura, o conteúdo sexualmente explícito é o que não está. Ele permanece adiado, prometido, remetido a outro ponto da plataforma. É desse paradoxo que parte esta pesquisa. Se o que se oferece de imediato ainda não é a imagem explícita, o que circula nessa camada gratuita e se converte em valor?

A hipótese que orienta o trabalho desloca o objeto da cena sexual para o limiar, o intervalo entre o que se mostra de graça e o que se mantém reservado. Nesse intervalo, o desejo não se consuma. Administra-se. Não se resolve, circula. Essa administração não recai sobre corpos passivos. Criadoras e criadores curam, enquadram e precificam a própria exposição com perícia considerável, e esse trabalho de autoapresentação é o que a economia da visibilidade captura e converte em recurso produtivo. Compreender o erotismo digital exige sustentar ao mesmo tempo as duas pontas, a agência de quem se expõe e a lógica de plataforma que a enquadra. É também o que permite mobilizar a noção de regime farmacopornográfico (Preciado, 2018) sem reduzir os sujeitos a efeitos do dispositivo. A *potentia gaudendi*, a força de excitação convertida em trabalho, é ao mesmo tempo capacidade dos corpos e matéria-prima do mercado.

O trabalho dialoga com os estudos sobre sexualidade e trabalho sexual digital. No Brasil, o OnlyFans já foi tomado como objeto de uma análise sistêmica enquanto nova fonte de trabalho (Souza, 2024) e etnografado a partir de dentro por uma antropóloga-camgirl que examina o mercado desde a própria experiência (Dal'orto, 2024). Em relação a esse segundo gesto, a pesquisa adota um caminho distinto. É uma etnografia virtual de caráter exclusivamente observacional, conduzida sobre três perfis selecionados intencionalmente e restrita à camada pública da plataforma. Por opção ética e metodológica, não se realizam interações com criadoras e criadores, preserva-se o anonimato dos perfis e dispensa-se a reprodução de suas imagens, escolhas detalhadas adiante.

O texto está organizado em algumas etapas. Após esta introdução, uma breve fundamentação teórica recupera as categorias de Preciado mobilizadas na análise, e uma seção de método explicita o desenho observacional e as escolhas éticas da pesquisa. A análise acompanha o modo como a plataforma incita, adia e cultiva o desejo. Ela situa o

limiar como objeto e identifica três gramáticas pelas quais ele é administrado, a raridade, o funil e a urgência, observadas em três perfis distintos. Examina a autenticidade como aquilo que se oferece de imediato no lugar do explícito. Mostra como corpos e marcadores de diferença são convertidos em nichos de mercado, até o ponto em que o corpo farmacopornográfico deixa de ser metáfora. E chega às temporalidades pelas quais o desejo é mantido aceso. O que emerge desse conjunto é uma infraestrutura de produção e gestão do desejo, e não uma vitrine. Esta é uma investigação inicial e exploratória, que a partir da camada pública de três perfis levanta mais perguntas do que oferece respostas definitivas.

Fundamentação teórica

O quadro conceitual desta pesquisa organiza-se em torno da analítica que Paul B. Preciado (2018) propõe para o capitalismo contemporâneo. Para o autor, o regime que sucede à disciplina e ao fordismo é farmacopornográfico. Governa-se a vida pela articulação de duas indústrias, a farmacêutica e a pornográfica, que produzem subjetividade em escala ao mesmo tempo molecular e semiótica. De um lado, hormônios, fármacos e protocolos médicos modulam o corpo por dentro. De outro, a pornografia e o fluxo incessante de imagens modulam o desejo por fora. Nesse regime, o corpo e a sua excitação deixam de ser o avesso do trabalho para se tornarem o seu centro, aquilo que se põe a produzir valor.

A categoria que articula corpo e valor é a *potentia gaudendi*. Preciado nomeia assim a força orgásmica, a potência de excitação dos corpos, que para ele é a mais abstrata e a mais material das forças de trabalho. No regime farmacopornográfico, essa força substitui a antiga força de trabalho industrial e, regulada por uma lógica masturbatória, converte-se em capital (Preciado, 2018). É essa categoria que permite ler a atividade de criadoras e criadores no OnlyFans não como exibição, mas como trabalho, ou seja, a produção, a curadoria e a circulação da própria capacidade de excitar.

A esse circuito Preciado chama pornopoder, um arranjo em que a pornografia opera como dispositivo masturbatório e produz capital pela sucessão de excitação e frustração. Não por acaso, a masturbação, outrora tratada como malefício a controlar, torna-se, segundo Preciado, um mercado que, aliado à indústria farmacêutica, “domina todo o fluxo de capitais, desde a biotecnologia agrária até a indústria high-tech da comunicação” (Preciado, 2018, p. 43). O que importa não é o desfecho, e sim a manutenção do ciclo. Essa formulação é decisiva para o argumento, porque desloca a

atenção do conteúdo sexual para a sua administração. Se o que produz valor é o intervalo entre a excitação e o seu suposto desfecho, o objeto a investigar não é a imagem explícita, e sim a engenharia que a adia.

Interessa ainda a Preciado o modo como esse regime governa corpos e desejos. É uma governança que não proíbe o desejo. Ela o produz, modula e orienta. É aí que a leitura de Preciado se encontra com o funcionamento das plataformas, porque nelas a visibilidade também é governada. Quem aparece, e em que medida, depende de sistemas de recomendação que premiam certos corpos, certos ritmos e certos gestos, de modo que ser visto, e principalmente controlar o que se deixa ver, torna-se condição do valor. Esses sistemas são opacos e beneficiam alguns perfis enquanto tornam outros quase invisíveis. Taina Bucher (2012) chama isso de ameaça de invisibilidade, o medo constante de desaparecer do fluxo. E como ninguém de fora enxerga como o mecanismo funciona, criadoras e criadores acabam agindo a partir do que Bucher (2017) chama de imaginário algorítmico, uma teoria prática, construída na tentativa e no erro, sobre o que o algoritmo parece recompensar. É essa teoria que orienta os preços que cobram, o ritmo com que postam e o modo como se mostram, mesmo sem que vejam a máquina operar. No caso do conteúdo sexual, a pressão é ainda maior, porque a moderação automatizada e o shadowban reduzem o alcance de certos corpos e práticas (Are, 2022). Para essas criadoras, aparecer já significa negociar com uma censura que está sempre por perto.

Preciado não é a única referência. Esta pesquisa também conversa com os estudos sobre sexualidade e trabalho sexual digital. No centro desse campo está a etnografia de Angela Jones (2020) sobre o camming, o trabalho sexual feito por webcam. Jones mostra que esse trabalho mobiliza esforço afetivo, performático e corporal, e que as trabalhadoras têm nele agência e prazer, o que afasta as leituras que as tratam apenas como vítimas. Dessa discussão vem uma categoria importante para o argumento, a de autenticidade circunscrita (*bounded authenticity*). Com ela, Elizabeth Bernstein (2007) descreve um traço do comércio sexual de hoje, a venda de uma intimidade que se vive como verdadeira, mas que fica contida dentro dos limites da transação. No Brasil, o OnlyFans já recebeu olhares diferentes. Souza (2024) o examinou como sistema e como nova fonte de trabalho. Lima (2023) o estudou como plataformação do trabalho sexual, atenta às contranarrativas estéticas e às hierarquias internas da produção de imagens. E Dal'orto (2024) o etnografou a partir de dentro, na escrita de uma antropóloga que também foi camgirl. São trabalhos que ancoram a discussão nas condições concretas do trabalho sexual plataformizado no país. Cabe ainda uma ressalva sobre o uso de Preciado. Sua

obra nasce de uma autoexperimentação radical, com o corpo do próprio autor como laboratório. Aqui não é esse o caso. O regime farmacopornográfico entra como chave de leitura da camada pública da plataforma, não como método. É uma apropriação analítica, que procura na superfície da oferta erótica os efeitos de um regime que Preciado descreve em outra escala.

A transformação contemporânea da intimidade tem, antes de Preciado, uma formulação clássica em Giddens (1993), que descreve o deslocamento, nas sociedades modernas, rumo a uma sexualidade plástica, descolada da reprodução e convertida em traço maleável do eu, e a uma relação pura, sustentada apenas enquanto oferece satisfação mútua a parceiros tidos como iguais. O OnlyFans parece, à primeira vista, levar essa transformação ao limite. O que cada perfil oferece é uma intimidade prometida, uma relação aparentemente voltada para si mesma. Mas é aqui que o caso obriga a virar Giddens contra Giddens. A relação que a plataforma encena não é pura nem igualitária. É assimétrica, mediada pelo pagamento e desenhada para não terminar. O que Giddens leu como democratização da esfera íntima retorna, na plataforma, como mercadoria, a mesma autenticidade circunscrita de Bernstein. Giddens nomeia a promessa cuja captura Preciado descreve.

Metodologia

A pesquisa adota uma etnografia virtual de caráter exclusivamente observacional. Em vez de acompanhar interações ou de produzir vínculo com os sujeitos, a investigação se detém naquilo que a plataforma exhibe na sua camada pública, isto é, o conjunto de imagens, legendas, preços e anúncios acessível a qualquer visitante antes de qualquer assinatura ou pagamento. É essa superfície, e não o conteúdo reservado, que constitui o material empírico, ou seja, o que o OnlyFans oferece como promessa antes de cobrar pelo seu suposto cumprimento.

O corpus reúne três perfis de assinatura gratuita, selecionados intencionalmente. O critério de seleção foi a diferença que estabelecem entre si: uma criadora cis (Lana), um criador cis (Rafa) e uma criadora trans (Bia). A escolha não busca representatividade estatística, incompatível com um estudo qualitativo desta natureza, mas variação. Interessam perfis que, distintos quanto a gênero, corpo e nicho de mercado, permitem observar como uma mesma lógica de plataforma se realiza de modos diversos. Os três compartilham uma característica decisiva para o argumento. Em nenhum deles o

conteúdo sexualmente explícito está disponível na camada gratuita. É esse adiamento, comum aos três e administrado de formas distintas, que define o fenômeno investigado.

A própria localização dos perfis revelou-se parte do fenômeno. O OnlyFans não oferece busca interna, o que torna a plataforma, por desenho, pouco navegável a quem não chega por fora. Apenas o perfil de Lana foi encontrado diretamente nela. Os de Rafa e Bia vieram pelo Twitter/X, onde criadoras e criadores divulgam intensamente o trabalho e a partir do qual se chega ao endereço no OnlyFans. Esse percurso mostra a arquitetura de captação que organiza a oferta. A rede social aberta conduz ao perfil “gratuito” no OnlyFans, que, embora anunciado como gratuito, exige o cadastro de um cartão. E esse perfil funciona, ele próprio, como vitrine e isca, e remete pela bio ao perfil pago onde o explícito é monetizado. A passagem do olhar gratuito ao acesso pago é o próprio movimento que a plataforma encena, e que cada perfil administra à sua maneira.

A observação foi conduzida ao longo de três semanas de 2025, com acompanhamento diário, e incidiu sobre os elementos pelos quais cada perfil organiza a sua oferta na camada pública: o enquadramento e a iluminação das imagens, o texto das legendas e das bios, os preços do conteúdo bloqueado e o ritmo das publicações. Esses elementos foram tratados como uma linguagem, um conjunto de signos pelos quais a intimidade é sugerida, o desejo é incitado e o acesso é precificado. A leitura presta atenção ao modo como o corpo é enquadrado, iluminado e posto em cena, e às narrativas que cada perfil constrói sobre si para se apresentar.

As escolhas éticas são parte constitutiva do desenho da pesquisa. Por se tratar de um campo sensível, que envolve sexualidade, exposição do corpo e trabalho, optou-se por não realizar qualquer interação com criadoras e criadores. Não há contato, mensagem, assinatura paga nem solicitação de conteúdo. Preserva-se o anonimato dos perfis por meio de pseudônimos, e dispensa-se a reprodução de suas imagens. O trabalho descreve, mas não exhibe. A análise restringe-se ao material livremente acessível, e evita tanto a extração de conteúdo reservado quanto qualquer exposição que pudesse identificar os sujeitos ou comprometer a sua privacidade.

Esse desenho tem limites que é preciso tornar explícitos. Uma etnografia restrita à camada pública e sem interação não alcança os sentidos que as próprias criadoras e criadores atribuem ao que fazem, nem as condições concretas em que produzem. O que se analisa é a oferta, não a experiência do trabalho. Também não se observa o algoritmo em operação, nem a recepção dos assinantes. O que a camada pública revela é o modo como as criadoras orientam a própria exposição por um algoritmo que imaginam (Bucher,

2017) e pela ameaça permanente de invisibilidade que organiza a economia de atenção das plataformas (Bucher, 2012). A curadoria de preços, ritmos e enquadramentos lê-se como resposta a uma lógica algorítmica inferida, não diretamente vista. A opção é deliberada e demarca o alcance do estudo. Ela distingue esta pesquisa das etnografias conduzidas a partir de dentro, como a de Dal'orto (2024), em que a posição de antropóloga-camgirl dá acesso à vivência do trabalho sexual plataformizado. A renúncia ao vínculo é o que permite observar com nitidez um objeto específico, a fabricação da promessa que antecede o pagamento, e não o que se vende depois dele.

A produção do desejo no limiar

Antes de chegar aos perfis, é preciso situar o OnlyFans no argumento de Preciado. Já em 2008 ele observava a emergência de um “corpo autopornográfico” e via nas páginas amadoras o verdadeiro mercado pornográfico em expansão, uma produção que escapava ao monopólio das grandes produtoras e passava a se fazer diretamente pelos próprios corpos (Preciado, 2018). O OnlyFans é a forma amadurecida desse deslocamento, a plataforma em que o sujeito se autoproduz como conteúdo erótico e administra, ele mesmo, a própria visibilidade. No Brasil, essa autoprodução já foi tomada como objeto de uma análise sistêmica do OnlyFans enquanto nova fonte de trabalho (Souza, 2024), o que situa a plataforma tanto no argumento filosófico de Preciado quanto nos circuitos concretos do trabalho sexual digital.

A análise que segue apoia-se em três perfis selecionados intencionalmente e observados em sua camada pública, aquilo que a plataforma exhibe antes de qualquer pagamento. Os três foram escolhidos pela diferença que estabelecem entre si: uma criadora cis (Lana), um criador cis (Rafa) e uma criadora trans (Bia). Em nenhum deles o conteúdo sexualmente explícito está disponível gratuitamente. Ele permanece adiado, prometido, conduzido para outro ponto da plataforma. É esse adiamento, e não a cena sexual, que constitui o objeto desta pesquisa. O que se observa não é o prazer consumado, mas a engenharia que o mantém suspenso e o converte em valor. Essa escolha distingue o estudo das etnografias do trabalho sexual plataformizado conduzidas desde dentro, como as notas de Dal'orto (2024), em que uma antropóloga-camgirl examina o mercado a partir da própria experiência. A renúncia à interação não visa aceder à intimidade do trabalho, e sim observar o que a plataforma expõe antes de qualquer vínculo, a fabricação mesma da promessa.

As gramáticas do limiar

Cada perfil administra o limiar à sua maneira. Em Lana, o limiar opera como raridade. Num feed de imagens cuidadosamente enquadradas e iluminadas, o único conteúdo bloqueado é precificado em US\$ 88,20, uma cifra cuja desproporção não convida à compra, e sim encena exclusividade. O preço alto funciona como signo. Anuncia que ali há algo raro e caro. A própria legenda formula o princípio quando afirma que não se assina a página “por conteúdo gratuito”, mas pela chance de “ver um pouco mais do que todo mundo” (Perfil de Lana, OnlyFans, 2025). O que se vende não é a imagem, é a posição de quem acessa o que os demais não acessam. Não se deve, porém, dissolver essa operação em puro efeito de plataforma. A raridade que Lana encena é também uma decisão sua, um domínio perito sobre o enquadramento e sobre aquilo que a própria exposição deve significar. Ela não ocupa apenas a posição que a plataforma lhe oferece. Fixa os seus termos, e é esse trabalho autoral que a economia da visibilidade captura, sem por isso anulá-lo.

Em Rafa, o limiar é um funil. Sua página gratuita é deliberadamente SFW, com vídeos de alongamento e mobilidade, e existe para encaminhar o público a um segundo perfil, pago, no qual o explícito custa US\$ 50. “Para um canal mais SFW”, avisa, “visite” o outro endereço (Perfil de Rafa, OnlyFans, 2025). O desejo não é trancado por um cadeado. É arquitetado em duas portas, a vitrine que atrai e a câmara que cobra. Em Bia, o limiar se faz de urgência e fidelização. O adiamento vem embalado em desconto e pressa, “80% de desconto”, “90% DE DESCONTO”, “o link acima é o que você quer”, e reforçado por um mecanismo de retenção, o “tratamento especial” reservado a quem mantém a renovação automática ativada (Perfil de Bia, OnlyFans, 2025). O limiar, aqui, não apenas separa o grátis do pago. Ele captura e prende.

São três gramáticas, raridade, funil e urgência, mas uma só lógica. Em nenhum caso a satisfação é o ponto. O que a plataforma administra é o intervalo entre a excitação e seu suposto desfecho. É o que Preciado descreve ao analisar o pornopoder, um circuito fechado em que a excitação e, em seguida, a frustração produzem capital (Preciado, 2018). A pornografia opera aí como dispositivo masturbatório que converte o sexo em espetáculo comercializável, e a plataforma, ao adiar indefinidamente o desfecho, mantém esse circuito girando. O desejo não se resolve, circula. Não se consuma, gere-se.

A autenticidade como mercadoria

Se o explícito permanece adiado, o que se oferece de imediato? Nos três perfis, a resposta é a mesma. O que se oferece é a verdade do eu. Em Lana, essa verdade enuncia-se como soberania e autocontrole. Sua legenda explicita o que, afinal, está à venda:

Porque atenção é energia. E a energia sempre vai para algum lugar. Se as pessoas olham para mim, se o meu corpo desperta a curiosidade delas — então sou eu quem decide o que essa atenção significa. [...] Para mim, esta página é liberdade. Um lugar onde posso ser aberta, feminina, curiosa. E para você, uma chance de ver um pouco mais do que todo mundo. Você não se inscreve aqui por conteúdo gratuito. Você se inscreve porque gosta de estar um pouco fora de controle. Não fraco. Não desesperado. Apenas consciente de que algo em você reage quando uma mulher sabe exatamente o que está fazendo. Eu não grito sexualidade. Eu a domino. Eu não imploro por atenção. Eu a redireciono. (Perfil de Lana, OnlyFans, 2025)

O que está em jogo nesse texto não é a imagem do corpo, mas uma posição de sujeito, a da mulher que domina a própria sexualidade e redireciona a atenção alheia. O que se oferece ao assinante é o acesso a essa soberania encenada, uma intimidade prometida que nunca se entrega por inteiro.

Rafa, por sua vez, vende autenticidade como ausência de mediação:

Neste perfil, gosto de ser o mais transparente possível enquanto apresento o meu eu mais autêntico. Trabalho duro para te dar a experiência mais próxima de mim, respondendo a todas as mensagens pessoalmente. Não deixo NENHUMA agência de marketing gerenciar minha conta de forma alguma, então a experiência sou totalmente eu o tempo todo. (Perfil de Rafa, OnlyFans, 2025)

O detalhe revelador é que ele precise afirmá-lo. Que nenhuma agência administre o perfil só vira argumento de venda porque a mediação por agências e por equipes de mensagens é a norma do meio, a ponto de “ser real” se converter em diferencial de mercado. A autenticidade, aqui, é menos uma propriedade do sujeito do que uma posição de venda. A mesma bio que promete intimidade artesanal anuncia “mais de 600 filmes” e o título de “ator premiado”, e põe a operação industrial sob a forma do contato pessoal. Em todos os perfis, a intimidade sugerida, prometida, encenada como acesso privilegiado a uma pessoa real é o que se mercantiliza. É o que Bernstein (2007), ao analisar o comércio sexual contemporâneo, chamou de autenticidade circunscrita, uma intimidade que se oferece como verdadeira e, no entanto, permanece delimitada pelas fronteiras da transação. Nesse sentido forte, tais performances funcionam como tecnologias de autoapresentação, produções de subjetividade oferecidas ao consumo como se fossem o seu avesso, a espontaneidade. O que está em jogo é uma monetização da intimidade. A promessa de uma aproximação pessoal, o “eu real”, o acesso a quem se mostra, é convertida em etapa da venda.

Corpos, marcadores e o corpo farmacopornográfico

A oferta erótica organiza-se por marcadores que a plataforma converte em categorias. O corpo de Lana é cis, branco e normativo, mas é vendido por um nicho preciso, pés e tornozelos, de modo que o padrão hegemônico e o fetiche específico coexistem. O corpo dominante é segmentado numa vertical de mercado. O de Rafa é cis e branco, de musculatura definida, e sua masculinidade é performada como potência e domínio, “o que este corpo faz com as mulheres”, com as parceiras apresentadas como “talentos” acessórios à sua performance (Perfil de Rafa, OnlyFans, 2025). Em Bia, a marca trans não é só identidade. É também posição de mercado, anunciada como “a modelo trans nº 1” (Perfil de Bia, OnlyFans, 2025).

É em Bia que o conceito de Preciado deixa de ser metáfora. Sua própria apresentação narra um corpo em processo de produção:

Oiii, meu nome é Bia. Eu cresci sendo super masculina: futebol, exército, caça, pesca, luta livre, o que você imaginar. Agora sou super delicada e estou expressando quem eu realmente sou! Estou em terapia hormonal há cerca de 3 anos. (Perfil de Bia, OnlyFans, 2025)

A passagem do “super masculino” à “super delicada” é, ao mesmo tempo, biografia, identidade e valor erótico. A terapia hormonal de “cerca de três anos” não figura como dado privado, mas como parte da oferta. O regime farmacopornográfico, que Preciado descreve como a fusão das indústrias farmacêutica e pornográfica na fabricação da subjetividade contemporânea (Preciado, 2018), encontra aqui sua forma literal, um corpo modulado por hormônios e, no mesmo gesto, modulado para o desejo e para o mercado. É também o ponto em que a sexualidade plástica de que falava Giddens (1993), maleável, descolada da reprodução, tomada como projeto do eu, deixa de ser promessa emancipatória e se torna ela mesma posição de mercado. Em todos os casos, a diferença não escapa à lógica da plataforma. É capturada por ela e convertida em nicho pesquisável e vendável.

Temporalidades do desejo

Cada perfil inventa um tempo para manter o desejo aceso, sempre com os corpos vestidos e a tensão sexual mantida constante, nunca resolvida. Em Lana, esse tempo é a rarefação. Ela publica cerca de uma vez por mês, e a própria escassez das aparições reforça a raridade que vende. Quanto menos se mostra, mais cara se faz a atenção. Em Rafa, é um metrônomo. Uma postagem por dia realimenta a vitrine e sustenta presença diária, sem jamais entregar ali o explícito. Em Bia, a presença é ainda mais esparsa, com publicações

a cada dois meses, aproximadamente. Entre uma e outra, o que sustenta a expectativa não é a frequência, mas a pressão da urgência, o desconto que expira, o “link acima” anunciado como imperdível. A atenção é cultivada no tempo como se cultiva um recurso, porque, como diz uma das legendas, “atenção é energia, e a energia sempre vai para algum lugar” (Perfil de Lana, OnlyFans, 2025).

Conclusão

Vistos em conjunto, os três perfis desfazem a tentação de ler o OnlyFans como simples vitrine de imagens sexuais. O que a observação revela é uma infraestrutura que produz e administra o desejo. Ela o incita na camada gratuita, adia-o no limiar, segmenta-o por marcadores de corpo e identidade e o cultiva no tempo. A satisfação sexual, o suposto fim, é o que menos importa. O que a plataforma faz circular são excitação, atenção e a promessa sempre renovada de um acesso que nunca se completa.

Nesse circuito, o desejo deixa de ser experiência relacional e se torna recurso produtivo. É o que Preciado nomeia *potentia gaudendi*, a força orgásmica, a potência de excitação do corpo, a mais abstrata e a mais material das forças de trabalho, que no regime farmacopornográfico substitui a antiga força de trabalho e, regulada por uma lógica masturbatória, converte-se em capital (Preciado, 2018). O que as três vitrines colocam em operação é essa captura, a excitação do espectador convertida em valor, e a própria diferença entre os corpos reorganizada como economia.

Importa, porém, não confundir essa captura com passividade. Se a plataforma administra o desejo, ela o faz sobre um trabalho que não é seu. A curadoria do corpo, a dosagem do que se mostra, a invenção de um tempo para a expectativa e a enunciação de uma soberania, como na criadora que afirma dominar a própria sexualidade e redirecionar a atenção alheia, são gestos de quem opera as regras do meio com perícia considerável. Como insiste Jones (2020) a respeito do camming, reconhecer a estrutura que enquadra o trabalho sexual plataformizado não autoriza tratar as trabalhadoras como vítimas nem dissolver a sua agência. A economia da visibilidade não fabrica o desejo a partir do nada. Ela captura e converte em valor um trabalho de autoapresentação que pertence a criadoras e criadores. As duas dimensões operam juntas, e é na sua articulação que reside a especificidade do erotismo plataformizado.

As conclusões deste estudo têm o alcance do seu recorte: três perfis, observados na superfície pública da plataforma, sem interação. O que aqui se descreve é a engenharia da promessa, não a experiência de quem a produz nem o que se passa do outro lado do

limiar. Por isso este é, deliberadamente, um trabalho exploratório, que levanta mais perguntas do que encerra respostas. A mecânica dos sistemas de recomendação, aqui apreendida apenas pelo modo como as criadoras a imaginam e a ela respondem, a experiência dos assinantes e os sentidos que criadoras e criadores atribuem à própria atividade permanecem questões em aberto. Investigá-las, por uma etnografia conduzida a partir de dentro ou por uma análise da recepção, completaria o quadro que estas notas apenas começam a esboçar.

Ainda assim, o que a camada pública revela já basta para reposicionar o objeto. A transformação da intimidade que Giddens (1993) anunciou como democratização reaparece, na plataforma, invertida em mercadoria: a relação pura encenada como vitrine, a sexualidade plástica capturada como nicho. O erotismo digital, longe de ser mera exibição, mostra-se um campo atravessado por tecnologias de excitação e de controle, em que o desejo emerge como força social e política, produzida na interseção entre corpo, imagem e plataforma. Compreendê-lo exige olhar menos para a cena que se promete e mais para o intervalo em que ela é indefinidamente adiada: é nesse intervalo, e não no seu desfecho, que se decide o que, no presente, conta como desejo, como corpo e como valor.

Referências

ARE, Carolina. The Shadowban Cycle: an autoethnography of pole dancing, nudity and censorship on Instagram. **Feminist Media Studies**, v. 22, n. 8, p. 2002-2019, 2022. DOI: 10.1080/14680777.2021.1928259.

BERNSTEIN, Elizabeth. **Temporarily yours: intimacy, authenticity, and the commerce of sex**. Chicago: University of Chicago Press, 2007.

BUCHER, Taina. Want to be on top? Algorithmic power and the threat of invisibility on Facebook. **New Media & Society**, v. 14, n. 7, p. 1164-1180, 2012. DOI: 10.1177/1461444812440159.

BUCHER, Taina. The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms. **Information, Communication & Society**, v. 20, n. 1, p. 30-44, 2017. DOI: 10.1080/1369118X.2016.1154086.

DAL'ORTO, Caroline Coutinho. Entre o antropológico e o porno-erótico: notas etnográficas de uma antropóloga-camgirl sobre trabalho sexual plataformizado. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 30, n. 68, e680406, jan./abr. 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/8816>. Acesso em: 30 maio 2026.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

JONES, Angela. **Camming**: money, power, and pleasure in the sex work industry. New York: NYU Press, 2020.

LIMA, Barbara Mendes. **OnlyFans e a plataformização do trabalho sexual**: contranarrativas estéticas e hierarquias na produção de imagens explícitas. 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

SOUZA, Isabelle Amaral e. **OnlyFans no Brasil**: uma análise sistêmica da plataforma de venda de conteúdo adulto como nova fonte de trabalho. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/43107/1>. Acesso em: 3 jun. 2026.

Declaração sobre uso de Inteligência Artificial Generativa. Em conformidade com a Portaria CNPq nº 2.664/2026, declaro que, na elaboração deste trabalho, utilizei a ferramenta de IA generativa Claude Pro (Anthropic) com as seguintes finalidades: tradução, do inglês para o português, das legendas e bios dos perfis analisados e de termos teóricos; auxílio na revisão do texto, incluindo adequação às normas da ABNT; e conferência e formatação das referências. A concepção da pesquisa, a formulação do problema e da hipótese, a escolha do referencial teórico, a coleta e a interpretação dos dados de campo a escrita do texto e a consulta aos artigos citados são de minha autoria. Assumo integral responsabilidade pelo conteúdo final, inclusive por eventuais imprecisões.